Aula 4

NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

META

Apresentar uma síntese dos principais acontecimentos do final do século XIX e século XX e os reflexos no mundo intelectual.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
compreender as principais características da Historiografia das primeiras décadas do século XX, e a influência do positivismo na História.

PRÉ-REQUISITOS

Leituras do capítulo anterior. As informações essenciais sobre Capistrano de Abreu.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Caro aluno/cara aluna, seja bem vindo(a) a mais uma rodada de conversa sobre alguns autores e obras objetivando conhecer a evolução dos históricos no Brasil.

Tem razão José Honório Rodrigues quando nos diz que "se toda geração escreve e tem de escrever sua visão do passado, o caminho não consiste apenas na acumulação fatual, feita pela investigação erudita, mas consiste também e principalmente na síntese interpretativa e crítica que constrói para hoje e para o amanhã".

Sem dúvida. Todos os autores aqui mencionados, mesmo aqueles que foram contemporâneos dos fatos, a exemplo dos cronistas e viajantes do século XVI e XVIII, relataram e "interpretaram" o Brasil de um determinado contexto, segundo suas convicções e perspectivas.

No século XIX, além de buscar de uma história do Brasil para o Brasil temas importantes dominou o pensamento brasileiro: a construção de uma identidade nacional, a escravidão e a cidadania.

É interessante perceber que tanto o ensino de História quanto a pesquisa histórica é inseparável da historiografia. Assim, a aula de hoje compreendendo um período correspondente ao liberalismo do final do século XIX, ao processo de construção e proclamação da República e aos três primeiras décadas republicanas, vai apresentar a caminhada da historiografia neste momento.

Partindo deste contexto, que leituras podem ser feitas e indicadas; como os "intelectuais independente da sua origem de classe e da sua formação bacharelesca" pensaram estes dois temas: O que é a nação? E o que de fato nos faz sentir o que somos brasileiros?

Uma boa e proveitosa aula!

NA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Na passagem do século XIX ao século XX, o país é abolado por questões políticas que impõem reformas: a religiosa, a eleitoral, a militar, a abolição da escravatura e inclusive alterando o regime, com a instalação da República.

O desenvolvimento de relações capitalistas no Brasil se fez significativamente notório nas primeiras décadas do século XX e com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, sobretudo depois dela, quando abriu-se nova etapa reformadora, evidenciada tanto no campo da política como na cultura por acontecimentos de relevo.

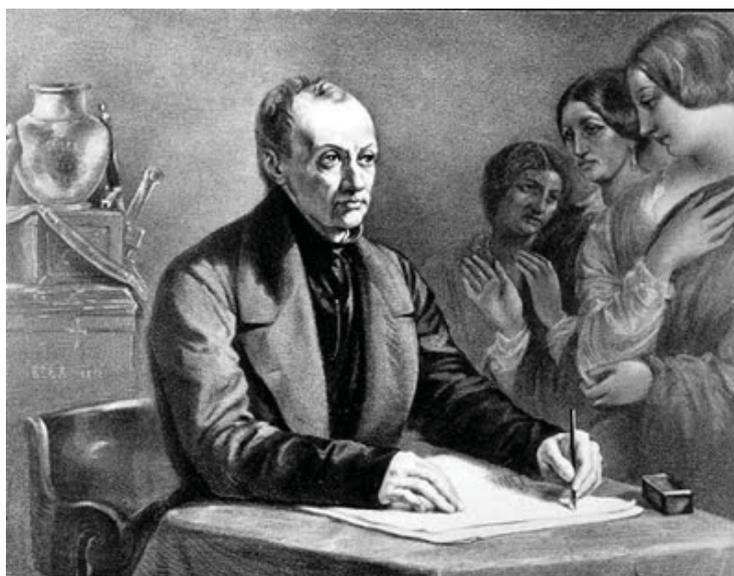
Sobre o período conhecido como Primeira República (1889-1930), sintetiza Carlos Guilherme Mota:

> A república brasileira oscilaria, desde o início, entre dois pólos: num, as oligarquias, geradas no Segundo Império e impulsionadas pela economia agro-exportadora; no outro pólo, a caserna, inflada

> pela ascensão das classes médias. A montagem de uma rígida ordem oligárquica (Primeira República, 1889-1930), estudada na política do café-com-leite, explica a política dos governadores de São Paulo e Minas. A ordem sociopolítica da Velha República assiste às contestações tenentistas (1922,1924,1926), aos movimentos do mundo do trabalho (greves de 1917, fundação do Partido Comunista em 1922) e a um sem número de manifestações políticas e culturais. Dentre estas avulta a Semana de Arte Moderna (1922) em que frações da burguesia exercitam novas formas de expressão em busca da MODERNIDADE. Essa rígida ordem estamental oligárquica só seria abalada – mas não desarticulada – com a chamada Revolução de 1930. (MOTA, 1990: 20).

No espaço de tempo entre 1870 e 1914 o pensamento dos autores exposto nos seus trabalhos era o desejo de ver o Brasil superando seu "atraso cultural" e avançar para a modernização. Para os intelectuais da época, entender o Brasil e construir o Brasil, era uma meta fundamental. "Neste contexto, a construção do sentimento brasileiro tinha uma importância fundamental, sendo a nacionalidade o critério básico de avaliação dos produtos literários e culturais". (OLIVEIRA, 1990: 85).

O positivismo, o darwinismo, o spencerismo e materialismo eram as correntes veiculadas no país pela elite intelectual. Pois bem, nesta conjuntura, qual o papel e importância da história e como a historiografia está caracterizada?

AUGUSTO COMTE

Augusto Conte, Filósofo e sociólogo francês (19/01/1798-05/09/1857), é considerado o fundador do positivismo.
(Fonte: http://www.pedagogiaaopedaletra.com).

Nasceu em Montpellier, filho de um fiscal de impostos. Aos dezesseis anos, ingressou na Escola Politécnica, recebendo influência do pensamento científico de Carnot, Lagrange e Laplace. Em 1816, a Escola Politécnica foi temporariamente fechada, devido a questões políticas. No ano seguinte, Comte tornou-se secretário do filósofo Sain-Simon, de cujo pensamento social e político recebeu profunda influência. Em 1824, discordâncias teóricas provocaram a separação desses dois pensadores

O Positivismo teve como propósito transformar a História em uma ciência. A partir disso, os positivistas procuravam uma objetividade nos métodos utilizados para analisar os fatos históricos, que para eles deviam ser sempre buscados nos documentos escritos e legitimados pelo Estado. Para os positivistas, os métodos utilizados nas ciências da natureza poderiam ser aplicados para uma análise social. Contudo, o historiador deveria manter certa imparcialidade diante seu objeto de estudo, sendo totalmente neutro para que assim chegasse a uma verdade histórica objetiva. Os positivistas faziam apenas uma análise geral para aquele fato, sem entrar em detalhes, descrevendo apenas o que o documento "fala por si só", ou seja, ele descrevia apenas aquilo que estava escrito, sem emitir juízo de valor, sendo totalmente imparcial e objetivo. Para os historiadores positivistas, as análises não poderiam ser desconstruídas, pois os fatos são verdades absolutas. O Positivismo teve como propósito transformar a História em uma ciência. A partir disso, os positivistas procuravam uma objetividade nos métodos utilizados para analisar os fatos históricos, que para eles deviam ser sempre buscados nos documentos escritos e legitimados pelo Estado.

Para os positivistas, os métodos utilizados nas ciências da natureza poderiam ser aplicados para uma análise social. Contudo, o historiador deveria manter certa imparcialidade diante seu objeto de estudo, sendo totalmente neutro para que assim chegasse a uma verdade histórica objetiva. Os positivistas faziam apenas uma análise geral para aquele fato, sem entrar em detalhes, descrevendo apenas o que o documento "fala por si só", ou seja, ele descrevia apenas aquilo que estava escrito, sem emitir juízo de valor, sendo totalmente imparcial e objetivo. Para os historiadores positivistas, as análises não poderiam ser desconstruídas, pois os fatos são verdades absolutas.

Em se tratando do ensino, "o estudo da história se associava assim uma missão cívica e pedagógica: ensinar o patriotismo aos cidadãos. Seu valor era inegável, pois produzia conhecimentos úteis à compreensão dos problemas nacionais". (GONTIJO, 2006: 75). Quanto à temática, girava em torno da "ORIGEM" da nação centrada em dois episódios: o descobrimento do Brasil e a Independência. Apesar de não muito freqüente, percebe-se alguns estudos sobre as relações entre as raças (branca, negra e indígena) consideradas bases da nacionalidade. "Entretanto, nos fins do século XIX, já se observa um interesse a respeito do povoamento do interior, principalmente em relação ao surgimento dos caminhos e das cidades." (GONTILJO, 2006: 75).

Ancorada no positivismo, que destacava a identidade entre o nacional e o universal, a história brasileira "era pensada como parte integrante da história universal". (OLIVEIRA, 1990: 85).

Quanto à historiografia, vejamos o panorama traçado por José Roberto do Amaral Lapa:

> Até pelo menos a década de 20 a Historiografia brasileira é basicamente a mesma do século XIX, isto é guarda as mesmas limitações tradicionais, não tomando no seu conjunto sequer conhecimento do progresso sofrido pelas Ciências Humanas. Caracteriza-se pela ausência de uma contribuição das demais Ciências Sociais que ainda não se haviam desenvolvido no país. [...] A história que predominava tradicionalmente atingia de preferência, as áreas políticas e administrativas, a biografia (genealogia) voltada para os heróis e estadistas, chefes de governo e de manobras militares; uma História portanto das camadas dominantes feita de maneira artesanal e geralmente reacionária. (LAPA, 1976: 70-71).

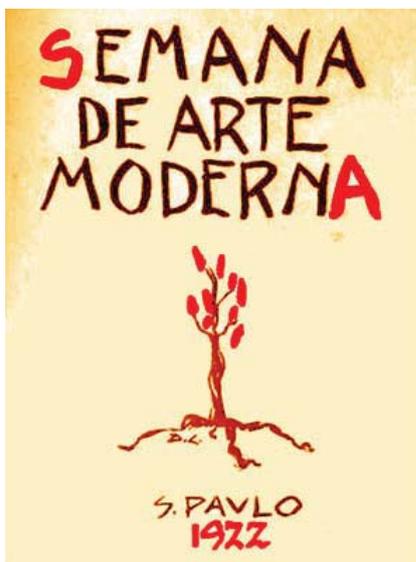
Toda essa conversa visa reforçar o que foi dito na primeira aula sobre os limites e definições entre História e Historiografia, também da grande proximidade existente entre história e literatura. Desse modo, acentue-se a narrativa histórica e a literária foram instrumentos privilegiados, utilizados pela elite para elaborar e difundir a idéia do que era ser brasileiro.

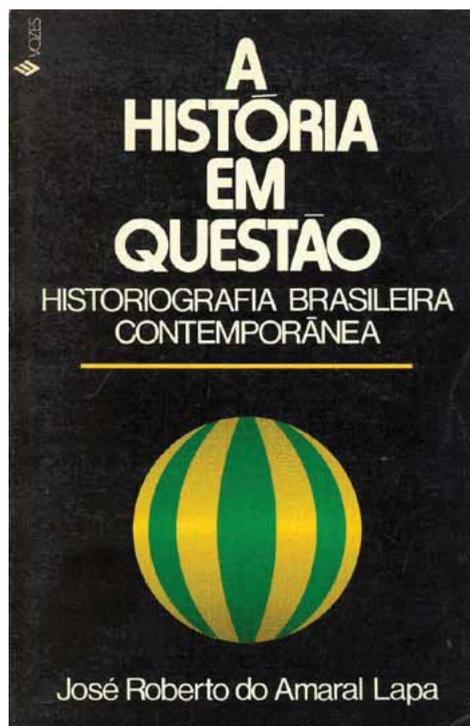
Pode parecer detalhe, mas é importante notificar sobre alguns intelectuais da época: "na primeira década do século XX, o mundo intelectual perdeu figuras das mais eminentes. Machado de Assis morreu em 1903, Euclides da Cunha em 1909, e Joaquim Nabuco em 1910. Em 1914, morreram Silvio Romero e, em 1916, José Veríssimo, duas grandes figuras de intelectuais que vinham produzindo desde o final do século XIX." (OLIVEIRA, 1990: 115).

A DÉCADA DE 20 DO SÉCULO XX

Adentra-se nesta fase e, as novidades e os modismos se assim se pode dizer não são marcantes. Ainda nos baseando em Amaral Lapa o diagnóstico é:
- inexistência de obras renovadoras das técnicas de investigação;
- as fontes e temas sempre os mesmos.
- predomínio do autodidatismo;
- a feitura da história, do trabalho mais sistemático a cargo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e dos diferentes Institutos Históricos dos Estados.
- enfim, a Historiografia brasileira entra no século XX e transcorre até a década de XX tendo uma visão factual interpretativa figurando como obra fundamental a de Capistrano de Abreu, segundo José Honório Rodrigues, Capistrano de Abreu falecido em 1927, foi a mais lúcida consciência brasileira; o primeiro historiador moderno e progressista do Brasil.

AS MUDANÇAS! MAS QUE MUDANÇAS?!...

Sem duvida, os anos 20 registraram um processo histórico de mudanças no campo político, social, econômico e cultural. O ano de 1922 assinalou a eclosão do Tenentismo, com a revolta do Forte de Copacabana: da organização do proletariado, com a fundação do Partido Comunista, do Modernismo com a Semana de Arte Moderna.

A Semana da Arte Moderna teve três dias de duração, no primeiro dia (13/02/1922), foram apresentadas obras de pintura e escultura; no segundo dia (15/02/1922), foram apresentadas obras de poesia e literatura, e no terceiro dia (17/02/1922), foram apresentadas obras musicais. Uma das ideias que os responsáveis pelo evento queriam transmitir para o público, era atualizar a cultura artística do Brasil, para que assim a visão fosse ampla.
(Fonte: http://www.pinturasemtela.com.br).

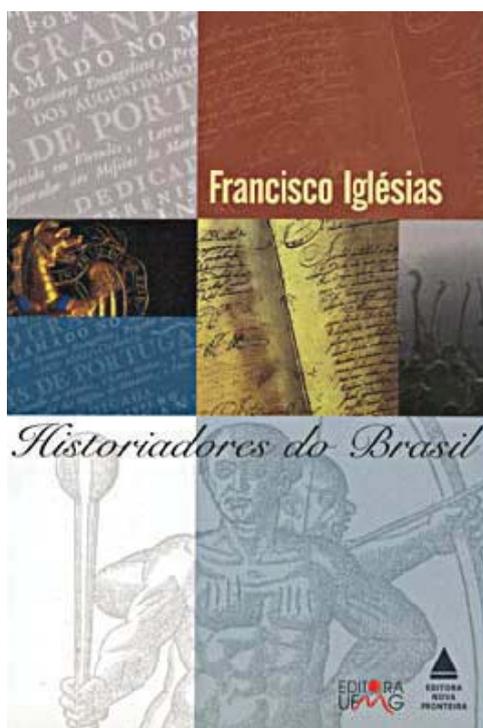
Em o seu livro *A História em Questão*, José Lapa relaciona O MODERNISMO com a HISTORIOGRAFIA. Mas, até que ponto pode se estabelece tal correlação? É possível estabelecer uma conexão entre o movimento modernista e a geração de historiadores que em grande parte contribuiu para o atual estágio da Historiografia brasileira, partindo da premissa de que não é necessário ter militado no Modernismo para ser Modernista. As idéias modernistas, estas sim, afetaram a nossa Historiografia (LAPA, 1996: 71).

Capa do Livro a História em Questão onde José do Amaral Lapa, procura radiografar a Historiografia Brasileira, mostrando as obras mais importantes que marcaram a elaboração do processo de conhecimento histórico brasileiro, as dificuldades que se apresentam para o pesquisador, as tendências e perspectivas da historiografia, a institucionalização da pós-graduação em História, o conhecimento histórico produzido dentro e fora da Universidade.
(Fonte: http://www.centrodememoria.unicamp.br).

De que maneira essa conexão teria se acontecido? Dentre os nove argumentos do autor, indicamos quatro: 1) Valorização de novas fontes para Alcântara Machado e Gilberto Freyre; 2) Utilização de fontes já exploradas e temas já estudados embora trabalhados e reinterpretados chegando a conclusões diversas das que até então existiam por Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré.

3) a realização do revesionismo factual para alguns aspectos da História do Brasil que coube a Rodolfo Garcia, Otávio Tarquino de Souza e Edgard Carone; e) por fim, a teorização em determinadas obras até então considerada uma tarefa arrojada.

E POR FALAR EM AUTORES E OBRAS ...

Provavelmente, você está se perguntando: ora, ora se saímos do século XIX para o século XX, a Monarquia é substituída pela República, os ideais nacionalistas emergiram confundindo-se com o Ufanismo, o Rio de Janeiro vivia intensamente a "Belle Époque" de "literatos profissionais e letaratura de-letante", que autores e obras contribuíram para a escrita da história brasileira?

Visto que alguns poucos nomes serão destacados, aconselha-se para uma informação detalhada e didática o texto "Além de Varnahgen" , inserido no livro Historiadores do Brasil de Francisco Iglesias.

Capa do livro Historiadores do Brasil onde Francisco Iglésias aprofunda visões de escritores que deixaram marcas na reflexão sobre nós mesmos, como Joaquim Nabuco, Sérgio Buarque de Hollanda e Caio Prado Jr., e elabora uma história das idéias do Brasil sem recortes regionais.
Fonte: http://www.livrariaresposta.com.br.

Por outro lado, oferecendo mais do que uma simples olhada nas bibliotecas (virtuais e presenciais) conheça alguns dos inúmeros intelectuais que opinaram sobre este pais mestiço chamado Brasil.

Que tal: O abolicionismo (1883) de Joaquim Nabuco; História do Brasil (1892) de João Ribeiro; A Ilusão Americana (1901) de Eduardo Prado; América Latina (males de origem (1905) de Manuel Bonfim; America Latina (1906) de Silvio Romero. Dom João VI no Brasil de Oliveira Liam; História da Literatura Brasileira (1916) de José Veríssimo; Documentos históricos ( ) Rodolfo Garcia; Populações Meridionais do Brasil (1920) de Oliveira Viana. Complementando a lista, Vida e Morte do Bandeirante (1928) de Alcântara Machado sobre qual

Laura de Melo e Souza destaca o seguinte: "na valorização dos inventários como fonte documental de relevo, Alcântara Machado antecipou-se aos historiadores de sua época: só muito depois, e no bojo da renovação teórico-metodológica da historiografia do hemisfério norte, os historiadores passariam a se deter sobre inventários, com eles trabalhando de modo sistemático" (SOUZA, 2002:127).

Por fim, ninguém pode deixar de ler o RETRATO DO BRASIL (1928) de Paulo Prado denunciando o atraso e a "susticidade intelectual do país" diagnosticava que o"o Brasil, de fato, não progride: vive e cresce, como cresce e vive uma criança doente, no lento desenvolvimento de um corpo mal organizado" (C.f. NOGUEIRA 2002: 194). Imagina a impressão e a repercussão que deve ter causado de tais declarações aquele contexto!!

CONCLUSÃO

Ficou claro que quando se fala virada do século XIX para o século XX, em outras palavras alguém está se referindo 1900 (último ano do século XIX e 1901, 1º ano do século XX).

A Reclamação da República (1889) ou a mudança de regime foi o grande acontecimento. Mas para que caia o Império tão consolidado? Certamente, muitas interpretações historiográficas vão tentar dar conta desse processo de mudança, das articulações políticas e sobremodo das idéias e os debates sobre a Nação. Os modelos de identidade nacional surgem.

Não esquecer que nesta aula as palavras-chaves são: ufanismo, republicanismo, modernidade e modernismo. Portanto, da produção historiográfica procurará explicar a construção da história da Nação.

RESUMO

Nesta aula, foram apresentados os fundamentos sobre os quais foram elaborados os valores da nacionalidade durante as três primeiras décadas da República. Autores e textos são indicados, especialmente para análise deste contexto: *Ideologia da Cultura Brasileira* de Carlos Guilherme da Mota e, também, *A História em Questão*, de José Roberto do Amaral Lapa.

Há que se destacar que neste período, ainda por influência cultural histórico-política do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) a produção de trabalhos biográficos sobre figuras republicanas.

Os historiadores das décadas de 50 e 60 serão os responsáveis pelas investigações mais profundas das relações estruturais da formação histórico nacional a exemplo de Emilia Viotti da Costa com o seu ensaio *Sobre as origens da República e a Proclamação da República* e de Caio Prado Junior, com sua obra a *Evolução Política do Brasil* e outros estudos.

ATIVIDADES

1. No processo de formação da identidade nacional qual o papel das correntes VIANISTA e MODERNISTA?
2. Quais os acontecimentos políticos e literários da década de 20?
3. Teria a Semana de Arte Moderna contribuído para a produção historiográfica brasileira?
4. Quem foi Paulo Prado e a importância de sua obra "*Retrato do Brasil*"?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Todo exercício visa a reforçar a aprendizagem do conteúdo. Neste caso destacar as figuras importantes da historiografia das primeiras décadas do século XX. Houve ou não uma relação entre a Semana de Arte Moderna e a Historiografia?

PRÓXIMA AULA

Novas Formas de Pensar I

REFERÊNCIAS

MOTA, Carlos Guilherme Mota. Cultura brasileira ou cultura republicana. In: **Estudos Avançados** 4/8, janeiro/abril, 1990, vol 4 nº 8.

OLIVEIRA, Lucia Lippi . **A questão nacional na primeira Republica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

GONTIJO, Rebeca. Nosso Estranho Historiador. In: **Nossa História**. Ano 4/Nº 3B, 2006.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A história em questão**. (Historiografia brasileira contemporânea) Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

SOUZA, Laura de Mello. Alcântara Machado (Vida e Morte do bandeirante). In: **Introdução ao Brasil**: Um banquete no trópico. 2ª Ed. (org. Lourenço Dantas Mota) São Paulo: Ed. SENAC, S. São Paulo 2002.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Paulo Prado (Retrato do Brasil) in, Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico. 4ª Ed. (org. Lourenço Dantas Mota). São Paulo. Ed. SENAC. São Paulo, 2004.